

cidade de se implantar uma estrutura de apoio ao ensino mais adequada para que o investimento feito até agora não seja em vão.

Por fim, o aproveitamento cognitivo do aluno de uma escola, depende, entre outros fatores, da capacidade do seu pessoal, do seu espaço físico e de sua capacidade tecnológica instalada. Quanto mais avançada é a tecnologia investida na escola, maior será a importância de capacitar os colaboradores que irão trabalhar com essa tecnologia, com isso o aluno terá as melhores condições possíveis para desenvolver seu aprendizado.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Portaria nº 549, de 6 de outubro de 2000. Aprova o Regulamento de Preceitos Comuns aos Estabelecimentos de Ensino do Exército (R-126).

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Portaria nº 735, de 19 de agosto de 2010. Aprova o Regulamento da Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas (R-64).

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 24ª Ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2002.

ROSA, José Paulo da. Escolas e qualidade: certificação ISO é importante. Porto Alegre, RS: Nova Prova, 2008.

Sistema EASA em números. Disponível em: <<http://10.24.204.3/php/sisgraus/lista-verif.php?sid>> Acesso em: 16 de março de 2015.

AS BATALHAS DE CORRIENTES NO CONTEXTO DA GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA

Gerson Adriano Köhler¹

RESUMO

Corrientes é uma Província argentina, localizada na Região de Coordenadas (27°28'51.45"S - 58°50'11.77"W), aproximadamente 45 km ao Sul da cidade paraguaia de Passo da Pátria e da confluência dos rios Uruguai e Paraguai, principais vias de transporte e comunicações do Paraguai na época da Guerra. O controle de Corrientes por parte do Paraguai se mostrou de fundamental importância para manter aberto o acesso ao mar. Foram três as principais batalhas que tiveram como palco Corrientes durante a primeira fase da Guerra do Paraguai. A primeira batalha ocorreu quando as tropas do General Robles, com um efetivo de aproximadamente 30.000 combatentes, saiu do Paraguai direção ao Uruguai, através de Passo da Pátria, e no caminho tomaram a estratégica Cidade de Corrientes, instituindo um governo local pró-Paraguai, a seguir a tropa do General Robles continuou seu deslocamento. A segunda batalha desencadeou-se quando o General argentino Paunero comandando uma tropa de apro-

ximadamente 3.000 homens, apoiado pela Esquadra brasileira do Almirante Barroso, contra-ataca e retoma Corrientes das tropas paraguaias que a guarneciam. A terceira batalha se desencadeia um dia após o contra-ataque exitoso realizado pelo General Paunero, esta terceira batalha é marcada pela desproporcionalidade dos efetivos militares que chegaram a ser 10 para 1 em favor das tropas paraguaias, fazendo com que Corrientes caísse novamente em mãos paraguaias após árduos combates, tendo permanecido menos de 24 horas sob controle das tropas argentinas e brasileiras. Embora efêmera, a vitória do General Paunero na segunda batalha de Corrientes possui muitos aspectos psicológicos positivos, pois a partir de Corrientes a forma de atacar utilizando a Tropa a pé, combinada com a Força Naval, passou a ser usada com muita frequência e tornou-se um fator determinante no desfecho da Guerra da Tríplice Aliança.

Palavras-chave: Corrientes, Barroso, Robles, Paunero, batalha.

1 1º Sargento de Comunicações - Instrutor na EASA.

OS ANTECEDENTES HISTÓRICOS DAS BATALHAS DE CORRIENTES

Os antecedentes históricos que influenciaram as Batalhas de Corrientes e as demais batalhas da Guerra da Tríplice Aliança são bem complexos. Para tentar entender estes antecedentes é necessário compreender seus aspectos gerais. Os que mais se destacam são: a formação da nação paraguaia com sua obsessiva vontade de lutar, fruto da rusticidade e simplicidade, vindos de uma educação eminentemente doutrinadora, para completar o cenário o poder do Estado foi exercido de forma ditatorial e absolutista, sucessivamente por três senhores: José Gaspar Rodríguez Francia, de 1814 a 1840, Carlos Antônio López, de 1844 a 1862 e Francisco Solano López de 1862 a 1870. Gradualmente as fronteiras do Paraguai foram sendo fechadas ao comércio internacional e imposto à economia o princípio da auto suficiência industrial, deixando sua economia equilibrada com uma infraestrutura moderna e evoluída para os padrões da época. Aos poucos tornou-se um Estado militarizado com intenções claramente agressivas e surgia com uma força militar ímpar na América do Sul com aproximadamente 70.000 homens. A afirmação de agressividade é respaldada no fato de que todas as iniciativas de beligerância foram tomadas pelo Paraguai, tais como: a declaração de guerra e invasão do Brasil, a invasão da Argentina e a posterior declaração de guerra à Argentina.

A Guerra eclodiu tendo como pano de fundo o conflito de interesses. De um lado estava o Paraguai com um desejo de reconstruir o Vice-Reino da Prata sob o comando do ditador López e, desta forma, reunificar os territórios, que posteriormente passaram a compor os territórios do Brasil, Bolívia e Argentina. Tudo isso estava coadunado com a necessidade estratégica do Paraguai de ter um acesso seguro ao mar e com um porto próprio para realizar suas exportações, pois naquele momento o Paraguai tinha no Porto de Buenos Aires

a única forma de acessar o mar. Para chegar ao Porto, a única forma era por meio das bacias dos rios Uruguai, Paraguai e Prata, locais de constantes embates entre as forças militares da região pela posse das ilhas fluviais. Do outro lado, temos o Brasil, um gigante com uma população de 9 milhões de habitantes, 400 por cento maior que o Uruguai, Argentina e Paraguai juntos, com suas Forças Armadas mal armadas, equipadas e distribuídas, mesmo para os padrões da época, com uma coordenação muito limitada e o efetivo total de aproximadamente 20 mil homens. Além disso, o Brasil tinha vários problemas fronteiriços com o Paraguai, entre os quais destacam-se: os decorrentes do Tratado de Santo Idelfonso e a necessidade brasileira de livre navegação pelo rio Paraguai, forma mais fácil de chegar à Província do Mato Grosso (hoje Estado do Mato Grosso). Temos ainda a Argentina com sérias divergências políticas e territoriais na delimitação de fronteiras com o Paraguai, especificamente no Chaco e nas Missões. Por último, temos o Uruguai, um país polarizado e dividido entre duas correntes visíveis: Colorados: liberais e simpaticantes da presença brasileira no Uruguai e a corrente Blanca antiliberal e antibrasileira no Uruguai; os confrontos entre as duas correntes se intensificaram com o retorno ao Uruguai, em 19 de abril de 1863, de Flores, chefe Colorado que estava refugiado na Argentina. O Brasil esperava garantir os direitos dos brasileiros que viviam no Uruguai, para isso mandou o Conselheiro Aparício Saraiva para tentar dialogar com o Governo uruguaio da corrente ideológica Blanca, a missão fracassou em virtude de uma promessa secreta do Paraguai feita a corrente Blanca uruguaia de garantir sua manutenção no poder, caso houvesse uma possível intervenção de brasileiros ou argentinos em favor de Flores, Chefe Colorado e opositor do governo. Para marcar a posição do seu governo e tornar público o seu apoio aos Blancos uruguaio, o ministro paraguaio em Montevideo, José Berges, entregou uma nota de ameaça ao

Governo do Brasil intimando o governo imperial brasileiro a não intervir no Uruguai.

O ACENDIMENTO DO ESTOPIM

Em 12 de novembro de 1864, o navio brasileiro Marques de Olinda que conduzia o Presidente da Província do Mato Grosso, Coronel Carneiro de Campos, foi aprisionado junto com sua comitiva quando estava a 60 km da, então, província do Mato Grosso. Viana Lima o representante brasileiro em Assunção protestou com energia em nome do direito internacional, sem sucesso. O Presidente da Província do Mato Grosso e seus auxiliares não foram libertados. No dia seguinte, 13 de novembro, o mesmo ministro José Berges entregou ao representante brasileiro, Viana Lima, a declaração de Guerra do Paraguai ao Brasil, dando seqüência às ações agressivas. Uma força militar paraguaia composta por aproximadamente de 5.000 homens, comandadas pelo Coronel Francisco Isidoro Resquin, invadiu a Província do Mato Grosso esmagando uma a uma as guarnições militares, entre elas a de Dourados onde o herói brasileiro Antônio João Ribeiro, seu comandante, proferiu a célebre frase: "SEI QUE MORRO, MAS QUE MEU SANGUE E DOS MEUS COMPANHEIROS SERVIRÁ DE PROTESTO SOLENE CONTRA A INVASÃO DO SOLO DE MINHA PÁTRIA".

AS NAÇÕES TRAÇAM SEUS PLANOS PARA AS AÇÕES DE BELIGERÂNCIA E AS ALIANÇAS SE CONCRETIZAM

Inicialmente as ações de beligerância foram ditadas pela iniciativa que estava nas mãos paraguaias e ficaram basicamente delimitadas às seguintes áreas: região sul do Mato Grosso, a província argentina de Corrientes e região fronteira do Rio Grande do Sul com a Argentina. Um plano de operações foi elaborado a pedido dos chefes das nações brasileira, argentina e uruguaia e contou com a participação do brasileiro Luís Alves de Lima e Silva o Duque de Caxias, o plano foi concluído em

janeiro de 1865 e propunha o emprego das tropas aliadas para deter o avanço paraguaio tendo como Comandante em Chefe o Presidente Argentino Bartolomeu Mitre.

Francisco Solano López, o Chefe paraguaio, também tinha seus planos: atuar simultaneamente ao longo dos rios Uruguai e Paraná, passar por Passo da Pátria e destruir as forças estacionadas em solo argentino que viessem a se opor, invadir a região das Missões no Rio Grande do Sul e consolidar o apoio prometido aos Blancos no Uruguai. O ditador López fazia questão de controlar Corrientes, a fim de ter uma base de vital importância para seu plano expansionista de devolver ao Paraguai as dimensões territoriais da época do Vice-Reino da Prata. Entretanto, seu plano não foi alcançado devido a sua complexidade, pois envolvia uma política de alianças e a parte militar. López confiava que conseguiria uma aliança política com o General Justo José de Urquiza, governador das províncias de Corrientes e Entre Ríos, e isto não aconteceu. A outra falha foi no campo militar atribuída a uma possível incompreensão do General Robles do planejamento ofensivo militar e seu descuido com a segurança da área de retaguarda como veremos a seguir. Quando López percebeu que não conseguiria a aliança esperada com o governador Urquiza, declarou guerra à Argentina e arrastou-a para a guerra ao lado do Brasil.

O INÍCIO DOS COMBATES E A INVASÃO EM CORRIENTES

No dia 13 de abril de 1865, uma Esquadra Paraguaia de cinco belonaves a vapor, com 2.500 homens, sob o comando de Pedro Ignacio Meza se aproximou de Corrientes. Os navios passaram pela cidade em direção ao sul, depois retornaram rumo ao norte e atacaram os vapores de guerra argentinos 25 de Mayo e Gualeguay, que estavam sendo reparados no porto da cidade de Corrientes. No navio 25 de Mayo havia uma tripulação de 80 homens com uma bateria de artilharia, já o Gualeguay

estava em terra, desarmado e somente com uma guarda comandada pelo Subteniente Ceferino Ramírez. A tripulação de dois dos navios paraguaios atacou aos argentinos e, após uma breve luta com algumas baixas, aprisionou os navios. Em seguida, as tropas do General paraguaio Venceslao Robles tomaram a cidade com uma tropa composta de cerca de 30 mil homens. Na invasão, o Exército Paraguai tinha duas colunas: a força principal com 14 mil homens de infantaria, 6000 de cavalaria e 30 peças de artilharia comandada pelo próprio Gen Robles. A força auxiliar, sob comando do Tenente General Estigarribia contava com 7000 homens de infantaria, 3000 de cavalaria e 5 canhões.

A resistência militar em Corrientes contra as forças invasoras teve início com as milícias argentinas comandadas pelo argentino Lagranã, com objetivo de retardar a penetração paraguaia em solo argentino, porém com fraca eficiência. Esse fato fez com que Robles subestimasse a capacidade combativa e a inteligência das forças aliadas. Ao cair da tarde do dia 14 de abril de 1865, Robles estabeleceu um governo provisório e, a seguir, continuou a campanha rumo ao Uruguai. Os Aliados aceleraram a concentração de suas forças e prepararam a contra ofensiva, o primeiro contra-ataque ocorreu em maio de 1865, sob o comando do General argentino Paunero. O ataque tinha como objetivo desorganizar a retaguarda das tropas paraguaias, cortar as comunicações essencialmente fluviais e o suprimento das tropas e, com isso, ganhar o tempo necessário para completar a mobilização do Exército Nacional Argentino e a concentração das forças militares da Tríplice Aliança. A força de ataque era comandada pelo General Paunero, tinha um efetivo composto por aproximadamente 3.000 homens sendo 364 brasileiro e os demais homens do exército do General Paunero, toda a tropa foi embarcada na Esquadra Brasileira comandada pelo Almirante Barroso que subiu o rio Paraná. A Força Combinada atacou e destruiu, após árduos combates, as forças paraguaias que

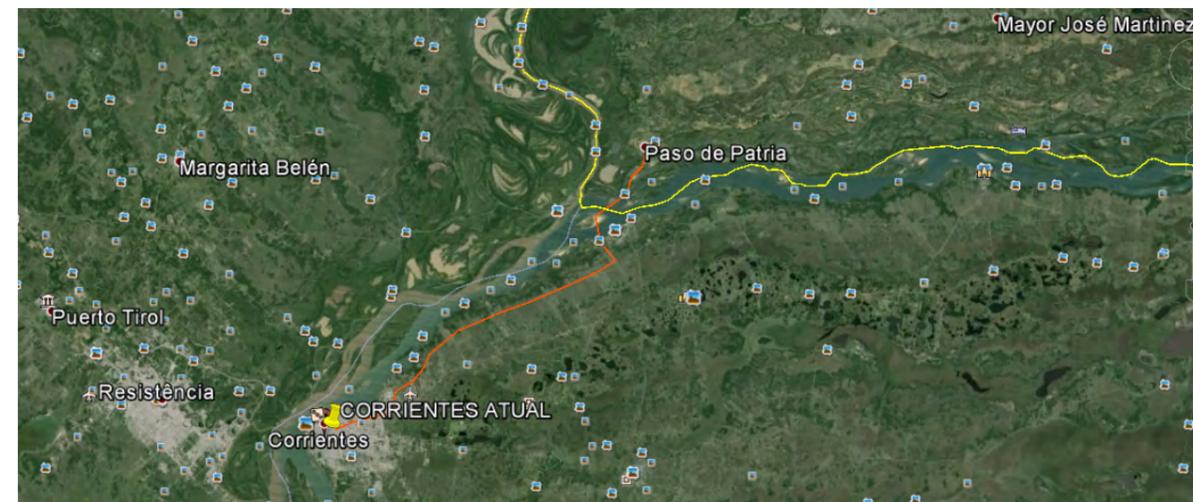
guarneciam Corrientes, em 25 de maio de 1865, recapturando Corrientes das mãos dos paraguaios. O êxito obtido pelo General Paunero na recaptura de Corrientes é creditado a sua inteligência em observar os movimentos das tropas paraguaias, ao apoio recebido pelo Almirante Barroso com a sua Esquadra, tanto no apoio de fogo como no transporte das tropas até a região onde se desencadeou os combates; tudo coadunado com a negligência do General paraguaio Robles, comandante da força invasora, que subestimou a capacidade e inteligência dos aliados ao reiniciar sua descida rumo ao Uruguai, deixando uma fraca segurança na cidade de Corrientes recém capturada. A operação comandada pelo General Paunero, comandante da força terrestre, e pelo brasileiro Almirante Barroso, responsável pelo posicionamento da tropa do General Paunero nas melhores posições e condições para o combate e pelo apoio de fogo prestado pelos navios brasileiros no desembocar e durante o ataque terrestre, é tida como a primeira operação combinada tipicamente anfíbia conduzida pela Tríplice Aliança no decorrer da guerra contra o Paraguai.

Em 26 de maio, após as tropas do General argentino Paunero terem esmagado as tropas paraguaias que guarneciam Corrientes, o ditador paraguaio Solano López determinou que ao General Robles comandante da coluna paraguaia, freiasse o movimento em direção ao Uruguai e retornasse para Corrientes com o grosso da tropa, com a finalidade de tomar novamente a cidade de Corrientes. Robles cumpriu a ordem de Solano López, retornou e atacou Corrientes com força total. Segundo algumas fontes, a proporção das forças paraguaias do General Robles contra as forças do General argentino Paunero, neste ataque, chegou a ser de aproximadamente 10 para 1; em decorrência disso, a cidade de Corrientes caiu novamente em mãos paraguaias, após árduos combates, tendo permanecido menos de 24 horas sob controle das tropas aliadas.

Vemos na figura abaixo a cidade de

Corrientes localizada na Região de Coordenadas (27°28'51.45"S - 58°50'11.77"W). O traçado em vermelho na figura é o trajeto que provavelmente o General paraguaio Robles percorreu com sua tropa composta por aproximadamente 30.000 homens. É

possível visualizar de onde saiu no Paraguai passando por Passo da Pátria, com objetivo de tomar Corrientes e destruir as forças opositoras, e seguir na marcha até o Uruguai. O traçado em amarelo é a divisa da Argentina ao sul com o Paraguai ao Norte.



Itinerário possivelmente utilizado pelo General Roble para atacar Corrientes.

A LIBERDADE DEFINITIVA DE CORRIENTES

Corrientes só voltou a ser livre do Exército Paraguai no final de 1865, quando uma ofensiva conduzida pelo próprio Presidente Mitre, Comandante-em-Chefe das forças da Tríplice Aliança, libertou os últimos redutos paraguaios em território argentino na confluência dos rios Paraná e Paraguai. A força comandada pelo Presidente Mitre contava com mais de 50 mil homens, parte desta tropa era formada pela cavalaria brasileira comandada pelo General Osório e a partir da tomada definitiva de Corrientes iniciou-se os preparativos para invadir o Paraguai.

CONCLUSÕES E ENSINAMENTOS SOBRE A BATALHA DE CORRIENTES

Podemos concluir que a invasão de Corrientes pelas tropas paraguaias e o posicionamento do seu governador General Urquiza contra a agressão provocada por López tiveram papéis fundamentais na

união das províncias argentinas em torno do Presidente Mitre e, desta forma, solidificou a união das Nações em torno do Tratado da Tríplice Aliança favorecendo diretamente o Brasil. Outro ponto de inflexão foi o efeito psicológico causado pelo ataque realizado pela Esquadra brasileira e pelas tropas do General Paunero, pois isso gerou ganhos muito maiores que o esperado e infinitamente maiores que as perdas materiais infligidas à tropa paraguaia: o abalo psicológico causado na confiança dos comandantes paraguaios, a tal ponto de Solano López responsabilizar pessoalmente o General Robles. A vitória aliada em Corrientes, mesmo tendo durado pouco mais de 24 horas, serviu para levantar o moral das Tropas Aliadas e demonstrou a López as vulnerabilidades de seu exército. Por outro lado, o Império brasileiro que estava pressionado pela fragilidade e a desorganização de seu pequeno exército, espalhado na faixa de fronteira e sem coordenação, reequipou-o, a altos custos, com a maioria dos materiais de origem inglesa. Os aspectos psicológicos positivos, decor-

rentes da ação militar em Corrientes, des-cortinaram novos horizontes na doutrina militar brasileira, pois a partir de Corrientes a forma de atacar utilizando a Tropa a pé, combinada com a Força Naval, passou a ser usada com muita frequência e tornou-se um fator determinante no desfecho da Guerra da Tríplice Aliança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GIGLOTTI, João Carlos Jânio. Estudo de História Militar volume I e II 2003.

Tratado de amizade, comércio e navegação entre S. M. o Imperador do Brasil e S. Ex. o Presidente da Republica do Paraguay, 1855. Sistema Atos Internacionais, Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Portal MRE. Visitado em 1 de maio de 2015.

Tríplice Aliança entre Argentina, Brasil e Uruguai (em português) UOL - Educação. Visitado em 1 de maio de 2015.

História da Guerra do Paraguai: as causas do conflito, a derrota do Paraguai, principais fatos, resumo História do Brasil. Visitado em 1 de maio de 2015.

Mário Maestri (15). O plano de guerra paraguaio em uma guerra assimétrica (PDF) (em português) Exército Brasileiro Exército Brasileiro. Visitado em 1 de maio de 2015.

O PRINCÍPIO DA INSIGNIFICÂNCIA NA SEARA PENAL MILITAR

SELL, Cleiton¹
FERREIRA, Fernando Martins²

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é tratar sobre o princípio da insignificância na seara penal militar, a partir dos princípios implícitos e explícitos da Constituição Federal de 1988. Para tanto, são observados três princípios fundamentais, que são o princípio da igualdade, liberdade e o da razoabilidade, que sustentam a aplicação do princípio da insignificância penal militar. No entanto, ainda é abordado a questão da aplicabilidade da insignificância na lesão corporal levíssima, cabendo ao Juiz desclassificar a pena como sendo administrativa. Propõem-se a discutir até que ponto pode se admitir a questão do delito de furto, pois se os bens foram subtraídos da administração militar, sendo de ordem patrimonial, poderão ser repostos ou indenizados dependendo do valor. Por fim, trago a questão do uso e posse de substância entorpecente em local de administração militar, pois mesmo, com a edição da Lei 11.343/06, a nova Lei de drogas, em qualquer hipótese e independente da quantidade de substância entorpecente que o militar portar, será considerado crime militar previsto no art. 290 do Código Penal Militar. Portanto, cabe salientar que para a efetivação da insignificância, é pre-

ciso que se observe a correta adequação aos princípios Constitucionais, tendo como finalidade o referido princípio, a aplicabilidade do princípio para resolver problemas de pequena relevância no âmbito Jurídico Penal Militar.

Palavras-Chave: Insignificância Penal, Militar, desvalor

1. A INSIGNIFICÂNCIA JURÍDICA: PRINCÍPIO E FUNDAMENTOS

A palavra insignificância é pouco conhecida bem como identificada nos casos de pequena relevância, pois a definição de princípio, sendo um tanto confusa para alguns, é um mandamento ou uma ordenação que imita um sistema legal, constituindo-se de um instrumento na solução de problemas de pequeno manto, sendo também interpretado e aplicado no âmbito do direito Penal Militar. Há de se registrar que o princípio da insignificância já era aplicado no Direito Romano, como diz Celidonio (1999), pois surgiu na 1ª Guerra Mundial, conhecida pelos alemães como Bagatelledelikte – ou seja – “criminalidade de bagatela”. Entretanto, Lopes (1999) define que os Princípios Constitucionais que estão implícitos e explícitos servem como base

1 Acadêmico do Curso de Direito da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ).

2 Prof. M. Sc. De Direito Processual Penal da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ).